N.º 169 (4.º)—(290)—6.º ANNO Quinta-feira 5 de Fevereiro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**

DIRECTOR E EDITOR
Estevão de Carvalho

SECRETARIO DA REDACÇÃO
Arlindo Boavida

Composto, Impresso e Gravado:
Nas Officinas Graphicas do jornal O Zé
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

Cordealogicamente cumprimentando

Deixai vir a mim os pequeninos... e o penacho!

ESCLARECENDO

D'um republicano de Peniche recebemos o seguinte bilhete:

Cidadão.

Sou leitor do vosso jornal desde o tempo em que elle era «O Xuão», e é com bastante surpreza que ha tempo a esta parte noto as suas tendencias de parcialidade improprias do vosso programma; mas o ultimo numero deixou me a absoluta certeza de que elle é um faccioso.

Que tristeza!

Chamaes tyranico ao consulado do sr. Affonso Costa!

Esperaes então de um governo da conspurcação, digo, da conjuncção, um consulado da licença?

Quem vos viu e quem vos vê!

Por esse caminhar, ainda espero vêr a vossa folha encimada pelas seguintes palavras: «Good save the King!»

Peniche, 31-1-1914.

Viva a Republica!

Um republicano da velha guarda.

Com que então o amigo... de Peniche tem visto que a nossa atitude não é tão imparcial como devia ser e bem assim o ultimo numero provou-lhe o nosso facciosismo? Ora muito nos conta.

Onde é que o amigo... de Peniche viu, fazer aqui propaganda a favor da conjuncção republicana? Com certeza o amigo... de Peniche não tomou attenção no que leu, pois no ultimo numero fizemos nós a apologia d'um ministerio extra-partidario, como sendo o unico capaz de acalmar as paixões politicas.

Esta opinião não é só nossa; o venerando presidente da Republica, que, cremos, ninguem pode duvidar da sua fé republicana e que tem sempre estado afastado das tricas politicas, é de egual parecer.

Elle, como nós, não queria que se formasse um ministerio partidario, fosse elle presidido, por Affonso, Antonio ou Brito, mas, sim, extra-partidario para acalmação dos espiritos e socego do Paiz.

Quem encara a situação d'esta forma poderá ser alcunhado de thalassa para cima, mas aquelle que o fizer, esse é que é o verdadeiro faccioso, digno de lastima pois, coitado, devido á sua educação se habituou a adorar homens e não poude em meia duzia de mezes modificar o seu espirito que está completamente alheio a tudo quanto é verdadeiramente liberal, verdadeiramente republicano.

Julga o nosso amigo... de Peniche que esses homens que estiveram no governo são republicanos e verdadeiros patriotas? Eu duvidu-o, e immediatamente lhe exponho as razões da minha indecisão, esperando que fique esclarecido e jamais me escreva em termos tão facciosos.

Não é republicano, aquelle individuo que se diz, mas sim, todo aquelle que pelos seus actos na vida particular e publica prove que effectivamente é um espirito liberal, progressivo e economico.

Quem não possuir principalmente estes tres predicados, pode imaginar que é republicano, mas engana-se por completo.

Convença-se o amigo... de Peniche, que uma Republica que tem por lemma Ordem *e* trabalho, *que encerram um programma, não pode estar a ser governada por individuos que só vivem bem na desordem.*

Ninguem mais do que nós lastima o que ultimamente tem succedido; ninguem mais do que nós lastima que o dr. Affonso Costa, que é dotado de intelligencia pouco vulgar, que tem qualidades de trabalho, como talvez nenhum outro politico, que parece provado ser um magnifico administrador, enveredasse pelo caminho da oppressão, da violencia, da tyrania e que não corresse ao pontapé esses sabujos que só pensam em á sua custa subir, isto é, em ageitarem-se, perdendo-o por completo no conceito do Povo.

Nenhum politico subiu ao poder com raizes tão profundas na opinião publica, como o dr. Affonso Costa, mas, devido a deixar-se guiar por alguns souteneurs, nenhum politico tambem, cahiu tão desastrosamente.

Elle um dia achará o erro e certamente será o primeiro a dar-nos razão, porque sabe bem que nós nunca fomos seus inimigos pessoaes, antes pelo contrario.

Nenhum jornal lhe teceu maiores elogios do que O XUÃO *e* O ZÉ, *e nós emprazamos seja quem fôr que nos desminta e prove que a nossa atitude é contraria aquella que está bem expressa nas columnas dos ditos jornaes.*

Sempre combatemos pela liberdade da imprensa, liberdade de pensamento, liberdade de reunião, liberdade de crenças, etc., etc.

Pois bem. Quando o dr. Affonso Costa perseguiu a imprensa, elle que em outros tempos sempre a defendeu — tendo nós tido a honra de sermos defendidos pelo antigo Affonso Costa — podiamos para manter intacto o nosso programma, para sermos coherentes, defender tal abuso?

Não, mil vezes não.

Rompemos porque vimos que o antigo Affonso estava modificado, que tinha havido creaturas que conseguiram, pelo seu feitio rancoroso, que só vomitam odio, modificar o espirito liberal d'aquelle homem e fazer d'elle um carrasco.

Podiamos ficar mudos quando elle mandou fechar associações operarias? Quando elle mandou fechar o syndicato ferro-viario e muitas outras affrontas á liberdade?

Não, se o fizessemos é que seriamos facciosos, é que provariamos que eramos maus republicanos.

Para resolver a crise actual, só se poderá constituir um gabinete, com o apoio do partido que tem por chefe o dr. Affonso Costa.

Se elle é realmente um bom republicano, um verdadeiro patriota, não deve pôr entraves de especie alguma, á constituição d'um governo extra-partidario. Se o não fizer, razão temos nós na nossa duvida; se o fizer fica modificada em parte o nosso conceito, mas, só em parte, pois que o verdadeiro republicano, jamais pode consentir, como acima dizemos, oppressões, violencias, tyranias, odios, vinganças, etc.

Taes processos só despretigiam a Republica e ou se muda completamente, ou então em breve veremos o nosso Paiz cahir para não mais se levantar.

Fique pois o nosso amigo... de Peniche sabendo, que quem assim pensa não é decerto um faccioso, fique tambem certo que jamais terá a satisfação de ver o nosso jornal com a divisa

Good sav the king

como teve a desfaçatez e imprevidencia de escrever.

Republicanos sim, mas, afastados dos partidos politicos, pois infelizmente para a Republica... **vá o diabo á escolha... dos tres chefes, póde levar qual quizer.**

E temos dito, até demais.

Dr. Bernardino Machado

Tendo chegado hontem a Lisboa, vindo do Brazil onde prestou revelantissimos serviços á causa republicana, este nosso prezadissimo correligionario, **O Zé** envia-lhe as boas vindas e faz votos para que Bernardino Machado, com o seu espirito conciliador, com o seu bello caracter, consiga hoje, como outr'óra, congraçar a familia republicana.

Estamos convictos que Bernardino algo conseguirá e se formar gabinete certamente dará uma amnistia ampla e mandará abrir todas as associações operarias conforme desejo expresso do chefe do estado, e bem assim de todos os verdadeiros patriotas.

Que Bernardino Machado encontre, como é dever, em cada republicano, um auxiliador, e a crise rapidamente se solucionará.

O 31 de Janeiro

Uns magicos de mau gosto, tiveram a dita de ir festejar aquela data em casa de uma conhecida prostituta.

Que sentimentos de honra teem tão preclaros cidadãos!!!...

Ao meu feliz anniversario...

Curva-se a fronte, e em frente eis a velhice
que á mocidade anda buscando um fim;
em cada ruga um sofrimento, e assim
a pouco e pouco eu perco a garridice...

E' mais um anno... e não será tolice
contar o tempo que passou por mim?
mas se eu vejo, se eu sinto a força ruim
da morte! Quem me déra que a não visse!

Onde ficaste, oh! minha mocidade,
que não me segues, nem me vês andar
levado pelo tempo, á realidade

que embranquece a cabeça! oh! meu olhar
procura a vida que me dá saudade,
porque, se vou, é certo não voltar!

1-2.º-914. *André Deed.*

QUE DELICADEZA!

O sr. A. Costa sendo convidado pelo sr. Arriaga a ir a Belem, declarou que os seus afazeres o não permitiam, mas foi para a pandega. Sempre grande estadista em tudo.

Expediente

Assignaturas

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha: Anno 1$00—6 mezes $50—3 mezes $30.
Estrangeiro, anno 1$50—6 mezes 1$00.
A cobrança feita pelo correio, acresce $10.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração: Rua do Poço dos Negros 81, 1.º
O Zé é o jornal de caricaturas a cores que maior circulação tem em todo o Portugal.

Ideas...

O Intransigente, na sua intransigencia, contesta que o sr. Affonso tenha ideias. Ora essa! Então um estadista que não tarda que tribute o sol, a sombra, o vento, a chuva e que consegue um *superavit*, de mais de 3000 contos, não tem idea? Não seija tão *intransigente* sr. Machado dos Santos e diga sempre a verdade.

FITAS CORRIDAS

O dever do chefe de uma nação e seus ministros, é: Dar aos povos o exemplo de todas as virtudes privadas e publicas, e principalmente de humanidade e da rectidão; da boa fé e dos bons costumes; fazer cumprir e respeitar as leis, que elles proprios devem ser os primeiros a cumprir e respeitar escrupulosamente; castigar o crime, recompensar o merito e a virtude; manter os homens em paz; fazer justiça a todos; prover á educação civica, moral e intellectual do povo; contribuir para o tornar feliz; desenvolvendo e favorecendo a agricultura, o commercio e a industria, fazendo florescer as Letras, as Sciencias e as Bellas-Artes. Sobre tudo devem inspirar-lhe sentimentos humanitarios, o amor pelo dever, da ordem, da economia, da obediencia ás leis e a dedicação á patria.

Os governados devem obedecer ás leis e ás ordens emanadas das authoridades constituidas; contribuir para a defesa da patria; sacrificando-se, em caso de necessidade, pelo bem publico e até os seus haveres para a manutenção do Estado.

Quando os governos se inspiram no bem commum e os povos comprehendam quaes os seus deveres e que os cumpram, entre governos e governados existirá sempre a maxima harmonia; quando, porém, os governos se estribam na tirania, na oppressão, na violencia, tendo em mira o proprio interesse e não o bem commum, esses governos morrem. Exemplo: Costa Cabral e João Franco.

Acima dos governos estão os povos; acima dos homens estão as ideias.

Quando os povos dizem NÃO, que importa que os governos digam SIM?

A força dos governantes está na moral, na economia, na justiça e na verdade. Todos os governos que se apoiam no ferro das baionetas, morrem amaldiçoados pelos povos e odiados pelas gerações.

No nosso paiz, um Huerta, não seria tolerado quatro dias. Estâmos habituados a vêr os politicos da nossa terra a guerrearem-se, mas não a dilacerarem se.

Uma nação governa-se bem, mas com o seu assentimento. Não se lhe impõe um jugo, como a grilheta a um condemnado.

Ha 40 annos, os politicos de Hespanha déram cabo da sua republica. As suas dissidencias internas déram força aos militares, que n'um golpe a fizéram morrer. Não lhe valeu a autoridade de Castelar, nem a de Salmeron, que valiam bem os estadistas portuguezes de maior nome...

Aquelle exemplo não devia fructificar, mas parece que sim... pelo visto...

*

O povo debate se numa crise medonha. A' carencia de trabalho junta-se a carestia dos generos de primeira necessidade.

Pois, apezar d'isso, o irmão do sr. Rodrigo que foi governador civil de Lisboa, fez um regulamento com respeito ás casas de hospedes, que tem por fim extorquir á faminta população de Lisboa, os ultimos recursos.

Em vista das difficuldades da vida e do augmento da renda de casas, de que é culpado quem fez a lei do inquilinato, que é uma verdadeira lsada, quasi todos os habitantes de Lisboa, alugam um ou dois quartos para ajudar a pagar as rendas. O benemerito sr. Daniel Rodrigues fez um regulamento que obriga toda a gente, ainda que tenha apenas um hospede, a gastar 1$060 réis com a licença para hospedes e, além d'isto, mais 500 réis por cada trimestre!...

Já aqui dissémos que o governo tira aos proprietarios a camisa para haver *superavit*, e o governador civil aggrava a situação da miseria dos lisboetas, obrigando-os a pagar licenças que, como esta, são injustas, pois só se devia exigir áquelles que alugam quartos para negocio e não a familias, que se vêem em difficuldades para pagarem ao senhorio!

O povo de Lisboa nada tem ganho com o governo do sr. Affonso Costa, que apenas se tem esmerado na confecção do orçamento do Estado com o respectivo *superavit*.

A questão economica; a questão do trabalho; a questão dos generos baratos; o fomento agricola; o desenvolvimento da industria; emfim, tudo quanto é essencial á vida do povo, nada fez! Nada, n'uma palavra!

Primeiro que tudo, devia fomentar a riqueza publica e depois exigir mais contribuição, mas em primeiro logar estão as finanças do Estado, como se a vida de um povo dependa d'esse Estado, e não do trabalho!..

Não ha muito que o sr. doutor dizia nos comicios:—**O povo não póde nem deve pagar mais um real!...**

Afinal, o que se vê? O povo não só paga mais, como a sua miseria augmentou ha cerca de tres anos para cá!...

Quanto á contribuição predial, ha concelhos em que as reclamações sóbem a centenas, de contos que o Estado tem que restituir o que contribuinte pagou a mais injustamente.

*

Queixa-se o sr. João Ramos, morador na rua Soares Reis, Villa Matta, 4, Campolide, que, encontrando-se no Chiado a vender flores, mister que exerce, visto que em virtude da sua edade não póde exercer outro, foi convidado por um policia a pagar no governo civil 500 réis. O policia nem sequer o intimou a retirar-se do Chiado. Multou-o sem mais tir-te nem guar-te!

Queixa-se mais o pobre homem que tem 6 pessoas de familia a sustentar e que é vergonhoso que a policia ande assim a extorquir o dinheiro aos pobres.

Tem 6 pessoas de familia a sustentar, sr. João Ramos? Mas o senhor ignora quantas «formigas brancas» sustenta o governo civil de Lisboa, que tambem teem direito a roer alguma coisa!...

Ora, sr. Ramos, pague, embora sua familia passe um dia sem pão! Os «formigas» são o sustentaculo de uma situação e das respectivas barrigas...

*

Os Fantoches, de Rocha Martins, continuam empolgando a attenção publica. O numero 2 faz o confronto entre Costa Cabral e o dr. Affonso Costa.

Entre os dois beirões, ha muitos pontos de contacto.

Uma differença, porém, e bastante significativa: Costa Cabral rodeou-se de homens de certo valor. O ministerio Affonso Costa, tirem este, não tem ninguem de nome. N'estes termos, o sr. Affonso Costa tem no seu ministerio João Ninguem e João Fernandes!...

O numero 3, occupá-se dos acontecimentos e de varios assumptos de interesse publico, assim como das promessas dos tempos da propaganda, que, tornando Zé Povinho crédor desses senhores, que outr'ora tudo prometteram, para afinal coisa alguma cumprirem!...

O sr. Rocha Martins, com a sua pena scintillante, com o seu poder de observação, esborracha nos bicos d'aquella os *fantoches* da politica portugueza, sempre sobranceiros e ridiculos.

*

Do *Diario de Noticias* extrahimos, de uma conferencia sobre a Marinha Mercante, o seguinte:

«A Noruega, que tem metade da nossa população metropolitana, possue actualmente 1:177 vapores e 1:231 navios de vela, com 1.616:872 toneladas. A Suecia, com uma população numericamente egual á nossa, dispõe de 950 vapores e 1:370 navios de véla de alto mar, com 776:820 toneladas. A Hollanda, que possue apenas um terço da nossa superficie territorial na Europa, com uma população em numero egual á nossa, conta 558 vapores e 628 navios de vela com 716:604 toneladas. A Dinamarca, que tem apenas metade, do nosso territorio continental e metade da nossa população na Europa, possue 516 vapores e 903 navios veleiros de alto mar, com 607:155 toneladas. A Grecia, com metade da nossa população e menor superficie de territorio, tem 312 vapores e 820 navios de vela, com 507:195 toneladas.

E Portugal — é triste dize-lo — dispõe apenas de 21 vapores de longo curso e 88 diversas embarcações de navegação costeira e fluvial do continente, ilhas e colonias, registando resumidamente 76:902 toneladas.

A tonelagem da marinha mercante do nosso paiz está actualmente para a Noruega na proporção de 4,7 por cento e para a Grecia 15 p. c.

No emtanto Portugal tem maior costa maritima do que qualquer nações e possue a melhor costa e os melhores portos da Africa, e as mais longinquas colonias na Asia e na Oceania.

Por uma nota publicada recentemente, pelo Lloyd inglez, a nossa frota mercantil está unica mente superior á da nova republica de Cuba. E entre as nações da Europa é o nosso paiz que possue a mais diminuta marinha de commercio, não falando na Suissa, que não tem portos de mar.»

Não diminuiram os encargos em 3 annos de republica; augmentaram-nos consideravelmente, assim como as receitas, para gloria dos *superavits*.

Para se avaliar o que tem sido a administração publica portugueza, quem quizer que confronte o poder naval de paizes mais pequenos do que o nosso, com a nossa marinha de guerra, onde só tem medrado as promoções escandalosas, chegando a haver 45 vice e contra-almirantes!...

A administração republicana leva o mesmo caminho, pois a não ser assim, não teriamos já com a republica algumas promoções, como essas de lentes da escola naval elevados á categoria de officiaes almirantes!

Mas, se a marinha de guerra é uma vergonha, a mercante é a mais inferior que existe no globo como se pode ver do confronto acima.

O nosso commercio dá á marinha mercante extrangeira uma média de 10:000 contos annuaes, que podiam ser ganhos pela marinha portugueza, se ella existisse. Como tudo isto é profundamente desanimador.

Jean Jacques.

O homem das mudanças

Informam-nos que na Camara Municipal ha o chefe de uma repartição, que ali foi colocado pela monarquia, que anda constantemente a fazer mudança dos tarecos, obrigando os seus subordinados, sem necessidade, a servir de galegos!... Não seria melhor que deixasse em paz os tarecos?...

Os nossos aeroplanos

Ao passo que todas as nações já tem organisados corpos de aeronautas, nós temos o material voador encaixotado!

E' que o dinheiro não pode chegar a tudo.

E' precizo para os militares vencerem a dois carinhos, quando no desempenho de funcções civis.

Perguntam-nos...

Escreve-nos um leitor a perguntar qual a razão porque o sr. dr. Afonso Costa, que tem dado sobejas razães de *valiente*, não teve a dita de afrontar as acusações do sr. dr. João de Freitas?!

Ora, porque não se quiz ralar por tão pouca coisa... Se elle é só acusado por doidos, como o sr. dr. Alfredo Magalhães e outros!...

Coisas "di" a vida

AO LEITOR

Sabes o que é um amigo
a quem se pede um favor?
E' peior que um inimigo,
p'ra nos ralar, o estupor!
Se fôr um estranho, formal,
pedir o que para a *gente*,
p'ra se mostrar servical
serve-o logo, in-continente
Mas se fôr p'ra nos servir,
de estorvos mil, ha mil lendas,
e o que é facil conseguir
fica sempre p'rás kalendas!
E' amigo, tem de esp'rar,
se quizer ser bem servido,
e se acaso reportar...
no que requer é pret'rido!
Se temos algum valor,
e de nós algo se espera,
inda assim, esse favor,
mui prontamente se opéra!
Mas se não valemos nada,
levanta-se tal *sarilho*,
que a *coisa* fica encravada,
jámais se faz rico filho!
Por isso é bom não espuecer,
um rifão que a pena abrasa;
— Para milagres fazer...
são maus os santos de casa!

K K To.

Um pseudonimo

O França Borges, é, segundo diz esse luminoso espirito de poeta—Guerra Junqueiro, um pseudonimo do sr. Presidente do Conselho.

Ele o declarou no celebre e historico almoço.

Musica

Republica: Temos no domingo novo concerto da orchestra Blanch com um prgramma de numeros recomendaveis pela sua belleza. Fazem-se ouvir os melhores auctores.

Politeama: Temos no dia 8 uma outra audição da orchestra dirigida pelo notavel maestro David de Souza.

O declive

Caminhamos em linha recta para uma tragedia nacional, segundo diz Guerra Junqueiro.

Isso seria o fim do *mundo*!...

Fafe

A um individuo da localidade acima, em 1 p. p. nos enviou uma carta requesitando um almanach, pedimos a fineza de mandar dizer o nome, visto a dita carta não o trazer. —*A administração*

O novo... Bocage

Tal como o outro, este continúa esperando pela ultima moda

E arremessando ao meio da rua o petardo infernal, continua no seu sorrizo amavel e reivindicador:

— «Isto é um estantinho...prompto!

F. de T.

DE RELANCE

CHRONICA

PAZ IDEAL!

Já lá vão oito dias e Portugal anda sem governo, sem parlamento, governadores civis demissionarios, etc., etc. Mas, aqui para nós em segredo não se tem vivido muito mal, pois não? O commercio tem girado, a vida nacional segue como sempre, rotineiramente; ha gente que passeia, ri, vae aos theatros; ha gente que trabalha, circulam os comboios, fazem-se tranzacções...

E', para se perguntar: Para que diabo precizamos nós de governo?! Para que queremos nós paes da Patria?! Toda a gente come, bebe, vae á «retrete», serve-se dos jornaes politicos, lê-os com enfado receando o eterno pezadelo da *politica* e... vive tranquilla por essas ruas alheias de tudo que não seja o bem estar!

Portugal ha uns annos, desde que os republicanos meteram na cabeça de toda a gente que se deve interessar pela politica, não vive d'outra coisa. As creanças a brincar é... aos partidos.

— «Eu sou democratico.

— «Eu sou camachista.

E voltando-se para os mais miudos até as creanças dizem: «E vocês são evolucionistas.

Ponham-se ahi e teem de apanhar castanha d'aqui a pedaço»

Um sujeito evolucionista ferrenho ia a um barbeiro que, afilhado do sr. Rodrigo Rodrigues, era democratico. Ao escanhoar a face esquerda, a discussão ia ao rubro, e quando se fallou na impossibilidade d'um governo democratico, um lenho terrivel e mil desculpas caiam sobre o pobre evolucionista!

A minha peixeira não fala senão isto vae mal, ainda ahi vem qualquer dia o Coiceiro! O meu sapateiro, carbonario e não sei se mais algum *insecto branco* só come feijão verde e encarnado ao jantar e considera intangivel a lei da separação que elle proprio pôz em vigor em casa expulsando os feijões... frades!! Na rua do ouro encontram-se dois pinocas:

— Então que fazes? estás desempregado?

— Estou.

— Então?

— Agora... conspiro!

O meu correio é syndicalista e para se vingar dos opressores leva-me a correspondencia 8 dias··· atrazada.»

Almoça-se politica, janta-se politica, ceia-se politica. Agora tudo é sereno! N'uma espectativa benevola, acha-se o ceu azul... dos olhos do sr. Bernardino a sorrir, a sorrir... aos destinos de Portugal. Chegou hontem, como Messias abençoado, vem trazer — qual pombinha branca — o raminho da paz no bico, embora pareça que a influencia democratica em S. Ex.ª traz é... agua no bico. A D. Politica está enormemente gravida e o paiz espera indifferente e desconfiado este dificil parto. A clinica, os medicos, os senhores doutores, esmurraram-se á cabeceira da doente, e iam-n'a virando d'esta para melhor! Receitava-se repouzo, acalmação, duas colheres de sorrizos antes das refeições e... parece que vae toma-l'as.

E assim será bom. A tranquillidade politica trará a tranquilidade social e individual de toda a nação. Lá por fora com razão chamam-n'os... *le pays des bombes.*

E é um facto. Depois do cinco d'Outubro a bomba é symbolo nacional! Dentro de cada um de nós inflamados, exasperados, cheios de patriotismo ha senão um bombeiro... pelo menos um bombista. Os discursos são... bombasticos e o symbolo nacional foi lentamente offuscando o vermelho do barrete frigio e surgindo outro aos olhos do portuguezinho valente!

Uma coroa?

Nunca!

Uma bomba!

O Sr. *A.* quer que se não efectue um cortejo; vae a casa traz duas larangi-nhas junto da cigarreira e muito naturalmente... pum... pum!!

O Sr. *B.* vae ao ministerio, deseja ser nomeado amanuense falla como elemento civil, e mostra junto do lenço d'assoar *duas* de chlorato de potassio! E ou é deferido ou... pum ... pum!

Dizem-me que as mulheres tambem as trazem... cada uma ás vezes! Eu não sei. Lá *homens armados* é o pão nosso de cada dia...agora mulheres... não sei, não digo nada. Não é porque ellas tenham medo... Isso sim! A Lisboeta está feita com todas as zaragatas, com correrias, peixe espada etc. etc. Se é dia de Grandella 5.ª-feira de retalhos... pode cahir metralha da guarda Republicana que ella vem á baixa, ás compras e... segue indifferente arregaçando a sainha tentadôra e sensual a mostrar a forma caprichoza! Pois se a... bomba é o pão nosso de cada dia! D'aqui a dias, sou capaz de apostar, na rua do Carmo junto a uma pastelaria elegante, ao passar d'um cortejo a cumprimentar o *Mundo* ou *Intransigente* ver-se-ha delicadamente um tipo de *blouze*, chapeu alvadio, gravata de laço, preta, abeirar-se d'uma donzela que passe ostentando-se os seus setins finos e dizer-lhe, descobrindo-se:

— V Ex.ª faz-me favor, minha senhora; chega-se para lá um bocadinho...

Pela Rústica

Para o meu sincéro amigo Ernésto da Cósta Cardôso.

Pasta no monte a manáda,
Despérta lêda a Natura,
Cantam alégres ceifeiras,
Em tudo paira a ventura.

Rompe no ceu a alvorada,
E já o bom lavradôr
Votando ao ômbro a enxáda
De novo volta ao labôr.
Vai regár co'o seu suór
A terra mãe tão amáda!...
Canta alégre passaráda
Um hino saudándo a auróra,
E a gentil guardadôra
Pásta no monte a manáda...

Do sól as áureas centêlhas
Afágam os salgueiráis;
'Spreitam papóilas vermêlhas
Entre o oiro dos trigáis!
E as cantigas matinais
Vão casar-se com doçura
Com o rio que múrmúra
Uma confissão chorósa...
Já volita a maripósa,
Despérta lêda a Natúra!...

A brisa pássa sonóra
Perfumáda pelas rósas;
Géme doente uma nóra
Sôb as carválhas frondósas...
Ha nótas armoniósas
Que se ezálam das ribeiras,
Onde lindas lavadeiras
Cantarolám seus amôres!...
E no campo entre as flores
Cantam alégres ceifeiras!

Agóra o sól dardejante
Que fecunda a Naturêza,
Brilha no ceu triumfante
A transbordár de grandêza.
E a rúde camponêza,
Vólve um olhár p'r'á altura
E agradecida murmura,
Numa vóz de rouxinól:
— «Quando brilha a lúz do sól
Em tudo paira a ventúra!..»

PORTO.

Salvaterra Junior.

Entrevista com o Zé Povinho

Mal soou pela cidade o estrondoso trambolhão do Affonso, corremos a entrevistar o nosso Zé Povinho, na ancia de o ouvirmos discorrer sobre o monumental e retumbante acontecimento!

O Zé estava ainda escamado como uma barata e não queria receber-nos. Mas, ao fim de muitos esforços, lá conseguimos chegar até elle.

Resmungava ainda algumas palavras, que percebemos serem obscenas e ameaçadoras.

— Então, amigo Zé, que me diz d'aquella do Affonso Costa? ..

— Homem, não me fale n'esse *gajo*, que até sinto coisas por mim acima Cada vez que me lembro que o *sujeito* ia dando comigo em *pantanas*, a carregar-me cada vez mais na *a'barda*, e que foi preciso eu ir ao Rocio correr o *gajo* a marmeleiro, nem sei bem o que sinto na espinha *dorsa! das costas!*

— Mas então...?

— Olhe, eu sei que sou estupido como uma porta e que estou farto de ser intrujado; mas d'aqui a ser comido, chupado, calcado e, ainda por cima tosado e fuzilado pela guarda republicaná, *Tó, carócho!* ..

Aguento a albarda emquanto posso; mas quando me apertam muito na silha não estou com mais aquellas, ponho as mãos no chão e atiro uma parelha de coices. Elles imaginam que eu vou no embrulho, que me deixo embarrilar. E, quando menos esperam, atiro a albarda para casa do diabo. Foi o que agora aconteceu. O menino Affonso, um melro que se tem na conta de têso, tanto me *chateou*, tanto me *tramou*, tantas patifarias me fez, que eu senti as tripas aos pinotes e ahi vou pregar quatro arrochadas nos costados do *gajo*, ali em baixo, no Rocio, que elle veiu logo de *cambolhada* dar com a *focinheira* no chão!

— Mas não se excite, amigo Zé...

— Homem, não me *chateie* tambem, senão prégo-lhe quatro *lambadas* que vae já *a nove* p'ra o *maneta*... Que é que você quer, ó sua *besta?* Que eu esteja a rir, depois da atarrachadéla que o Affonso me deu durante tanto tempo? Olhe, se o *magico* volta ao governo, ha tamanha *zaragata* n'esta Lisboa, que até aquella *pera de Satanaz* com que elle provoca a gente, elle engóle sem dar por isso!... Vae-lhe o *penante* pela *caveira* abaixo, que aquelles miólos nunca mais fazem *superavits* para me embarrilarem... O melro fechou as minhas associações de classe; armou revoluções para ver se eu ia no *rólier; cravou-me* com mais contribuições; intrujou-me com a suppressão da contribuição de renda de casas; emfim, *chuchou* comigo emquanto pôde; e, quando eu comecei a *rosnar* e a achar historia tanta *chuchadeira*, o *gajão*, com ares de gato assanhado, abre as portas do Limoeiro e atira-me a guarda republicana ás canellas! .. E ria-se, ria-se, a provocar-me, o maroto!... Então foi para isto que eu *prantei* o Affonso no poleiro, depois de arriscar a pelle na Rotunda?.. Chiça! Quem quizer que o ature, que eu não estou para mais! E já lhe digo: se lá vae outro fazer a mesma dança, vae *corrido*. Estou farto de politicos, que me teem comido as entranhas!... Vermelhos ou azues, são todos uns comilões e umas bestas quadradas, que não sabem pôr as patas n'outro sitio senão em cima da minha *lombeira!*... Um dia, *arrebento* com elles todos e então é que você vae vêr o que é o Zé encher o papinho em cima d'elles!... O Affonso já sabe como ellas mordem... Dou *porrada* até elles chamarem pela mãe que os pariu!... Que me intrujem, vá lá, vá lá; tenho ao menos a consolação de saber que sou intrujado, quando elles não suppõem; mas lá que me toquem no lombo e que as *formigas brancas* me mordam as orelhas, isso virgula! Cacete *p'ra riba* d'elles! Estou farto. O Affonso encheu-me as medidas. Se não *arre... bento* com elle e com os bombos das philarmonicas, o *gajo* montava-me, punha-me o freio, apertava-me nas esporas e eu estava tramado, que nunca mais era Zé!...

— Isso é verdade!...

— Olhe, ha muitos dias que dura essa coisa a que elles chamam crise. Eu cá estou a vêr em que param as modas. Não sei quem lá irá. Mas se o novo governo não me restitue a liberdade perdida, agarro n'um *porrete* e desanco todos os patifes que armarem tambem em têsos! Mas, d'esta vez, as canas dos balões ficam inteiras! E depois chamem-me bruto, que eu não me rálo...

E o Zé voltou-nos as costas, rugindo como um leão!

S. Biker.

O idolo desthronado

(EPISODIO DA HISTORIA EGYPSIANA)

Era de tarde. O sol ardente espalhava pela terra os seus raios luminosos e beneficos.

O bondoso rajah, já idoso, de cabelleira branca, recostado numa confortavel poltrona, conferenciava com politicos em evidencia d'esse tempo, empenhando todos os esforços para que a crise ministerial que então alarmava o paiz, tivésse rapida solução, emquanto o povo, fanatisado por um ídolo que em tempos remotos o tinha defendido com ardor e eloquencia, pedia em altos gritos a sua subida ao poder.

O paiz onde se desenrolava esta questão, estava abatido e empenhado e as instituições então vigentes achavam-se abaladas, talvez pelo pouco cuidado com que as tratavam.

E de norte a sul, do occidente ao oriente, todos clamavam que o homem capaz de salvar a situação era Affonsus, um joven pachá, que usava lunetas e um sorriso diabolico que tinha o condão de hypnotisar aquelles que o viam.

Todavia elle, como que prevendo o que mais tarde lhe estava destinado, esquivava-se, occultava-se e de modo algum queria occupar a presidencia do ministerio.

Mas o povo, triste e acabrunhado, dirigia-lhe supplicas ardentes, no intuito de vêr o seu mais querido ídolo regendo os destinos do seu paiz.

Até que um dia (famoso e historico dia!), os corações transbordaram de alegria bem justificada!

Affonsus tinha cedido aos desejos do povo, seu irmão; tinha acceitado o cargo que ha tanto tempo lhe offereciam; tinha, emfim, subido ao poder, não por sua vontade, mas simplesmente para fazer um sacrificio em favor da Patria e fazer os desejos de um povo que elle tanto amava e defendia.

E desde esse dia, Affonsus VII, muito Augusto Senhor de todas as Costas do seu paiz, consagrava os dias inteiros estudando a fórma de restabelecer o credito da sua terra no estrangeiro e encher os cofres do Thesouro d'aquelle precioso metal, que até então os infelizes nunca tinham visto nem sentido.

E Affonsus consegue-o, mercê de um esforço de trabalho herculeo, no meio dos applausos vibrantes de uma multidão enthusiasmada, que o acclama sem cessar, emquanto elle, triumphante, discursa das janellas do seu ministerio.

Passam-se dias, mezes, e Affonsus, no bello proposito de arranjar dinheiro e extinguir inimigos, começa creando contribuições, duplicando as que já havia, perseguindo os que não concordavam com elle, mettendo familias inteiras nas prisões, tornando-se um despota feroz e sanguinario.

E o povo, que outr'ora lhe sorria, começa a torcer o nariz e a franzir a testa.

Affonsus já governa ha um anno e, orgulhosamente sentado nas luxuosas poltronas do seu gabinete, esquece por completo os humildes, devido aos quaes alí se acha

A situação é grave e Affonsus, o homem de ferro, treme pela primeira vez.

Já todos clamam e o famoso idolo, outr'ora tão festejado, está agora sustentado por meia duzia de chanfalhos e três quatro duzias de amigos *desinteressados* a quem paga para o defenderem e acclamarem.

Quando já todos o odeiam, esses mesmos amigos, imprudentes e provocantes, preparam-lhe uma manifestação, ruidosamente annunciada.

A multidão, enfurecida, já não póde mais e, quando o cortejo se põe em marcha, desata tudo á pancadaria. (*)

Affonsus, de olhos esbugalhados, pede a demissão do seu cargo, emquanto na rua, os seus pseudo-amigos são corridos a socco, á bengalada e com bombas.

O traductor, PEVIDE SEM FELIX.

(*) N'este ponto, como em toda a historia, a traducção é genuinamente portugueza...

A aguia da Patria...

Não cabe, segundo o grande poeta Guerra Junqueiro, *na capoeira de França Borges.* Nessa capoeira só cabem Margaridas e outras flores!...

«A Bella Madame Vargas»

Original de um brazileiro, a nova peça que o Gymnasio explora deve recommendar-se a todo o publico pela sua contextura theatral e pelo cuidado litterario com que foi escripta. Magistralmente posta em scena, resulta a sua representação não só agradavel como distracção, mas tambem util como educação.

Em viagem de propaganda

O sr. Antonio José, na sua ultima viagem á provincia, viu a ternura com que foi recebido pelos povos. O que não viu foi a miseria em que elles vivem. Sempre ilusionista...

Vandalismo

Por ordem do representante de Christo em Saboia, foram destroçados algumas arvores que orlavam a egreja parochial, com geral indignação dos habitantes da referida fregrezia, os quaes por meio d'uma representação ao sr. Governador Civil de Beja, protestaram energicamente Não ha duvida que este *masmarro,* provou bem o amôr que nutre pela arvore. Praticou um acto proprio de jesuita.

Por amor á sua santa barriga, conseguiu esta *ave negra* perante o deputado democratico pelo circulo d'Ajustrel, assumiu em Saboia ainda hipocritamente, a chefia do partido democratico, tendo sido eleito por esse dito partido nas ultimas eleicões, para vereador da Camara d'Odemira!

Que prazer sentirão os seus colegas!...

Mas o mais bonito, é que o novo democratico tem muitos momentos em que se esquesse de que é republicano, para enaltecer as virtudes d'este ou aquelle santinho.

Sempre é, o não estar no seu papel. Se todos os democraticos tivessem taes ideias, seria um partido de se lhes tirar o chapeu...

Claneom.

Popularidade

Ha para aí alguns deputados que são só conhecidos no seio da familia.

O Zé nunca ouviu falar n'elles. Nem eu!...

E' que o sr. D. Affonso é um astro tão brilhante que ofusca todos os outros.

O "Zé" no theatro

Republica — A's 21 — «A Caixeirinha».

Nacional — As 21 — «Má sina» — «Uma lição de piano».

Politeama — A's 21 — «O toureador».

Trindade — A's 21 — «A mulher de marmore».

Gymnasio — A's 21 — «A bella madame Vargas».

Avenida — A's 21 — «Maridos alegres».

Apollo — A's 21 — «Paz e União».

Rua dos Condes—A's 20,30 e 22,30—«Pathé Jógral».

Coliseu dos Recreios — A's 21 — Corrida de dois automoveis no espaço. — Willard, o homem que cresce á vista do publico, e todas as attracções da companhia.

CINES

Trindade: «Cleopatra», a maior e velha fita que se têm exibido em Portugal. O principal papel desempenhado pela actriz mais bonita que representa para films.

Terrase: Sempre novidades e estreias.

Central: Fitas de muito valor pela sua originalidade e musica por um sextetto de professores de merito reconhecido.

Olimpia: «Matinées» ás segundas, quintas e sabbados, que recommendamos muito especialmente. A' noite sessões com programmas sempre variados de fitas escolhidas.

Loreto: Fitas faladas, qne se impõem pela sua grandeza. Apresentação das maiores temeridades cinematographicas.

«Troupe» Chineza Imperial Mancha

Hoje, primeira apresentação no Coliseu dos Recreios d'esta famosa «troupe», que tem percorrido todas as nações d'aquem e d'além Atlantico, com o maior dos successos.

Bibliographia

Com o titulo «Verdades e Mentiras», vae o nosso amigo Silva Ferreira, já conhecido no mundo das letras, de parceria com Luthero de Moraes, jornalista, apresentar, n'um dos nossos theatros, uma revista que nos dizem ser de critica fina e engraçada da actual situação.

Almanach de Fafe — Recebemos a visita d'este precioso livro para 1914, que é digno de figurar em todos os estantes dos bons amadores de letras.

Vae no 6.º anno da sua publicação, e contem 152 paginas magnificas, sendo seu proprietario e editor o cidadão Arthur Pinto Bastos, nosso amigo e collega d'imprensa, a quem enviamos os nossos cordeaes cumprimentos.

Conselho d'um parvo

Não bebas vinho, mas se d'elle gostas,
E te faz muita falta, então alvitro,
Que comas muitas carnes e lagostas
E bebas pelo menos mais d'um litro.

O. X.

OS GRANDES TOCADORES... ENCRAVADOS!

No meio da grande desafinação, só o Zé é que toca a primôr